

TELEVISÃO E EDUCAÇÃO

Denise Lino¹

Fischer, Rosa Maria Bueno (com a colaboração de Sylvia Magaldi). Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

A discussão sobre as relações entre Educação e Televisão, em curso há vários anos, já não se polariza mais entre os *apocalípticos e integrados*, conforme preconizou o livro de Umberto Eco. Embora ainda exista, a voz dos apocalípticos tende a ter a sua importância cada vez mais relativizada, o que não significa dizer que os integrados constituam-se hoje numa posição hegemônica; atualmente, a discussão caminha para um ponto em que as polarizações são menos elucidativas. Partindo de uma patente constatação – a televisão é um fenômeno de comunicação de nosso tempo, cuja importância para a costura do tecido social se torna cada vez mais patente – essa discussão, apoiada em pesquisas oriundas de diversas áreas de estudo, dirige-se para a análise dos produtos televisivos, sua influência, importância e repercussão junto a diversos grupos sociais.

Se por um lado, esse é o panorama que se tem na academia, por outro, esse não é o panorama que se tem do lado dos professores que atuam nas redes de ensino, cuja realidade mais imediata é a de alunos que, em sua maioria, têm a TV e os livros didáticos como referências diretas de sua formação cultural. Integram ainda essa realidade, as referências feitas pelos PCN, pela TV Escola e o Canal Futura sobre o papel que podem desempenhar os programas de TV como âncoras para o processo de ensino de diferentes matérias. Em encontros com professores a questão mais freqüente sobre o tema é: o quê fazer? Em outras palavras: como abordar a pedagogicamente a TV?

Assim como nas demais áreas específicas de ensino, nesta área interdisciplinar também já vai longe a certeza de que receitas não

¹ Professora do Departamento de Letras – CH – UFPB, doutoranda USP.

funcionam, dado que, sem uma reflexão teórica associada a uma acurada análise de eventos, aquele que tenta seguir a fórmula contida na receita pode acabar “entornando o caldo”, i.e, perturbando o processo de ensino aprendizagem porque este, diferentemente de uma linha de montagem, é espaço de linguagem e de cultura alterado constantemente pelas ações recíprocas dos sujeitos.

Quanto a isto, o livro de Rosa Fischer, Professora da UFRGS, jornalista e produtora, *Televisão e Educação*, lançado no 2º semestre de 2001 pela editora Autêntica, pode ser visto como uma contribuição significativa para formação e atualização do professor. É também um bom material de apoio para as discussões cada vez mais sistemáticas sobre o assunto nos currículos das licenciaturas.

Organizado em três capítulos – *A TV que vemos e a que nos olha, As imagens e nosso olhar atento: com que linguagens opera a TV?* e *Roteiro para a análise de programas* (este escrito por Sylvia Magaldi) – o livro tem como lastro teórico quatro importantes conceitos. Primeiro, o de discurso, segundo a concepção foucaultiana do termo, qual seja a de que os discursos são conjuntos de enunciados de um determinado campo de saber e que sempre existem como prática. O segundo é o de representação cultural, que de acordo com Stuart Hall diz respeito, em síntese, à produção de significados através da linguagem. Dito de outro modo, as representações são práticas culturais de produção de significados, os modos pelos quais determinados grupos aprendem a conferir significados a objetos, pessoas e acontecimentos, estando, portanto, diretamente relacionada à construção de valores, à cristalização de conceitos e preconceitos, à formação do senso comum, à constituição de identidades sociais, de gênero, geracionais, étnicas, sexuais, políticas, à produção de subjetividades. O terceiro o conceito é o de ‘reciprocidade do olhar’, elaborado por Georges Didi-Huberman, para quem as obras de arte de certa forma nos olham e nos convidam a olhá-las. Por fim, e talvez, como decorrência do anterior, o quarto conceito apresentado é o de endereçamento. Elaborado por Elizabeth Ellsworth, este diz respeito às estratégias (bastante complexas) desenvolvidas pela televisão e pelo cinema para interpelar alguém. Tais estratégias, que têm uma longa história de “educação” dos espectadores, de formação de um público,

visam um sujeito concreto e real, com quem entram em relação de um modo particular, a fim de que este “complete” de alguma forma a história narrada, a mensagem da venda, a informação contida nas imagens e sons.

O eixo da apresentação dos conceitos é a noção de linguagem da TV, cuja intrínseca sobreposição de linguagem oral, escrita, icônica, plástica, gráfica, digital, sonora e musical é central para a análise do produto televisivo. Em outras palavras, a pergunta que orienta toda a discussão é: o que diz a Televisão? Como diz? E para quem diz? Assim, a sonorização da imagem ou o chamado apoio verbal (textual/lingüístico), um aspecto por vezes relegado em várias análises e sem o qual a TV não existiria, assume no livro um lugar de relevo. A autora desloca para um segundo plano o eixo maniqueísta de serem “educativos” ou não determinados programas. Segundo ela, a priori tudo pode ser educativo, assim como pode não o ser. Desvendar os discursos, as representações construídas a partir dele e os respectivos endereçamentos é trabalho que se faz a partir de uma fundamentação teórica e não apenas com base do gostei ou não gostei, embora essa seja uma primeira forma de “olhar” mais atentamente para uma TV que procura nos espreitar 24h. Com isso, fica pressuposto ser a linguagem que faz o mundo acontecer, inclusive (ou sobretudo) na TV, cujos produtos são complexos e requerem análise que esteja além do nível sensorial.

Se esse aspecto é familiar a professores de língua, não o é aos professores das demais áreas. Socializar esse conhecimento, num texto didático, constitui-se num dos méritos do livro.

Outro aspecto que merece destaque diz respeito à bibliografia apontada. Se leitores mais versados no assunto podem questionar várias das referências citadas pela autora, não se pode deixar de reconhecer que as referências apresentadas, bem como os *sites* referidos no final do livro constituem-se numa boa introdução aos estudos sobre a cultura e a TV na sua relação com a educação.

Creio que o mérito fundamental está nos roteiros de análise de programas de TV, assim como na sugestão para a construção de uma videoteca. Os roteiros apresentados servem como apoio para a análise de obras já conhecidas e com a facilidade poder ser adaptados a outras não mencionadas no texto. É, de alguma forma, a receita

solicitada pelos professores, mas que só funciona se o professor for um atento telespectador, i.e, alguém que assista à TV não como mero espectador e que conheça pelo menos as formas básicas de produção e roteiro, assim como seja um leitor minimamente informado para conseguir extrair o máximo de uma atividade pedagógica de análise de programas.

A construção das videotecas é atividade plenamente afinada com os atentos ao garimpo da programação. Diferentemente da relação com os livros, produtos veiculados pela TV não se encontram nas estantes das livrarias nem à disposição para fotocópia. O professor que se decide por apoiar seu projeto de atividades didáticas em programas de TV deve ficar bem atento às exibições em redes abertas e gravar em VHS, cuja relação custo-benefício é compensadora. Aliás, essa é a aposta da TV Escola que vem oferecendo bons programas a baixo custo para as escolas.

Apesar de escrito de maneira fluente, didaticamente articulado, o livro deixa a desejar quanto à apresentação de dois conceitos. Primeiro quanto à noção de endereçamento, fundamental para que se entendam os vários roteiros de análise de programas de TV sugeridos no segundo e terceiro capítulos. Tal noção não é diretamente apresentada, infere-se a conceituação a partir dos exemplos, o que não garante a plena formulação do conceito focalizado. Depois, seguindo essa mesma tendência do didatismo, a relação entre discurso e representação não é aprofundada e faltam exemplos que levem o neófito a perceber as diferenças entre ambos ou a identificar como um discurso constrói uma representação.

Talvez a preocupação com o leitor iniciante tenha levado a autora e sua colaboradora a flexibilizarem o rigor teórico. Todavia, esses aspectos não prejudicam o conjunto da obra que detectados pelo leitor levam-no a buscar outras fontes para ampliar o conhecimento.

Por fim cabe dizer que conciliar rigor teórico com a linguagem didática exigida por um livro de divulgação não é tarefa fácil. Dosando a indicação de conceitos que fundamentem uma análise criteriosa com exemplos sobre a recepção da programação da TV, o livro cumpre o seu papel que é o de indicar àqueles que estão se iniciando no tema oportunas sugestões para “nunca mais ver TV do mesmo jeito”.